

O "Mandamento novo" de Jesus na Academia e Residência DYA

Em 23 de agosto de 1932, S. Josemaria decidiu que em todos os Centros do Opus Dei um quadro registaria as palavras de Jesus: "Dou-vos um mandamento novo: que vos ameis uns aos outros", para recordar "onde está o que é permanente quando tudo se desmorona: no mandamento do Amor". O historiador José Luis González Gullón conta alguns detalhes dessa decisão.

05/09/2021

Iniciada em 1931, a Segunda República Espanhola apresentou alguns elementos positivos para o desenvolvimento do país, especialmente no que se referia a uma maior abertura democrática. Houve também, desde o início, graves problemas sociais e políticos. A Constituição republicana, de perfil socialista, foi aprovada sem consenso e, entre outras medidas, a Igreja ficou subordinada ao Estado e foi proibida a educação por ordens religiosas.

No verão do ano seguinte, um acontecimento chocou a sociedade espanhola. No dia 10 de agosto, um grupo de forças militares e políticas, na sua maioria favoráveis ao regresso a uma monarquia autoritária, mobilizou-se com a ideia

de fazerem um golpe de Estado. A revolta não prosseguiu porque, além de estar mal organizada, o governo prendeu os cabecilhas em poucas horas e recuperou a ordem pública.

Naquela altura, e ao longo de quatro anos, Josemaria Escrivá tinha difundido o espírito do Opus Dei em Madrid. Tinha reunido vários grupos de pessoas que o ouviam falar de santidade no meio do mundo: estudantes universitários, homens de variadas profissões e empregos manuais, mulheres jovens profissionais, algumas, outras com doenças crónicas e sacerdotes diocesanos.

Nesse verão de 1932, dois acontecimentos travaram a atividade apostólica do fundador. Por um lado, um padre diocesano que o seguia na Obra - José María Somoano - faleceu a 16 de julho, depois de ter passado três dias com dores fortes e vômitos.

As ameaças de morte que recebera nos meses anteriores, e a virulência da doença, apontavam para um envenenamento por ódio à fé. Por outro lado, alguns dos estudantes universitários que o ouviam participaram na tentativa de golpe de Estado de 10 de agosto. A maioria deles foi para a prisão ou o exílio e, por isso, o Pe. Josemaria - que não se tinha envolvido nessas atividades políticas - viu dispersar o grupo de estudantes que conhecia.

Talvez estas circunstâncias estivessem de alguma forma presentes quando, duas semanas depois, em 23 de agosto, anotou nos seus *Apontamentos íntimos*: "Em todas as nossas casas, num lugar muito visível, será colocado o versículo 12 do capítulo 15 de S. João: *Hoc est praeceptum meum ut diligatis invicem, sicut dilexit vos*" (Este é o Meu Mandamento: que vos ameis

uns aos outros como Eu vos ameii)
[1].

Durante os meses seguintes, o fundador do Opus Dei iniciou as atividades da obra de S. Rafael, tanto nas aulas de formação cristã como no ensino do Catecismo às crianças. Em dezembro de 1933, o aumento do número de jovens que se aproximavam do seu apostolado levou à abertura da Academia DYA, na Rua Luchana 33, em Madrid. Era o primeiro lugar em que o Pe. Josemaria ia explicar o espírito do Opus Dei aos jovens que conhecia.

Enquanto instalavam o apartamento, o fundador pediu aos seus filhos espirituais na Obra que copiassem uma frase do Evangelho segundo S. João, que teve lugar na Última Ceia, quando Jesus disse aos Seus Apóstolos: «Dou-vos um mandamento novo: que vos ameis uns aos outros. Por isto é que todos

conhecerão que sois Meus discípulos, se vos amardes uns aos outros, assim como Eu vos amei» (Jo 13, 34-35). A versão latina deste versículo, desenhada em papel semelhante ao pergaminho, e protegida por uma moldura simples, foi colocada na parede da biblioteca ousala de aulas da Academia DYA. Décadas mais tarde, Escrivá comentou: "Causava-me dor a falta de amor, a tremenda falta de caridade que se vive entre os cristãos. Por isso, na primeira casa, com alguns móveis da minha mãe e outros que uma família amiga nos tinha oferecido, jápodíamos rechear, instalar aquele piso, mas a primeira coisa que lá instalei foi o *Mandatum novum*, que mandei desenhar a um daqueles primeiros rapazes" [2].

Nove meses depois, em setembro de 1934, a Academia mudou para a Residência DYA, na Rua Ferraz, 50. Quando ficou pronta, lá colocaram o quadro com as palavras do

"Mandamento novo", numa parede da então chamada sala do piano ou de estar. Ver a inscrição evangélica era imediato para quem entrava naquela sala de estar, que, a partir daí, se tornou um lugar habitual para os encontros do fundador com os seus filhos espirituais da Obra e com os residentes, e um espaço para inúmeras tertúlias e encontros informais.

Pode interessar: [mapa dos princípios do Opus Dei em Madrid \(Google Maps\)](#)

De certa forma, estes versículos evangélicos resumiam um dos três pilares que, no pensamento de

Escrivá, estiveram na base da Residência DYA.

Para além da relação pessoal com Deus e do estudo como trabalho profissional, a amizade, o convívio e a abertura aos outros definiam a Residência DYA. Escrivá explicava que um cristão não pode limitar os seus contactos aos mais chegados, nem pode fazer grupos fechados ou "capelinhas", como se dizia na altura. A mensagem do Evangelho está aberta a amigos e conhecidos no local de trabalho e noutras relações sociais, tanto públicas como privadas, e às pessoas necessitadas.

Apresentava assim a caridade como "um elemento essencial e indispensável na vida do cristão"[3]. Em particular, estabelecia uma relação estreita entre o "Mandamento novo" e as palavras em que S. Paulo exorta: "Levai as cargas uns dos outros e assim

cumprireis plenamente a lei de Cristo" (Gl 6,2). [4] Chegou mesmo a ser considerada a hipótese de este versículo ser colocado nos oratórios dos centros da Obra, como lembrete [5].

Com o passar dos meses, a situação política em Espanha tornou-se cada vez mais complexa, com momentos em que a crispação deu lugar à violência física. O Pe. Josemaria estabeleceu como critério de atuação na Residência DYA que não se fizessem comentários políticos nos atos nem em reuniões . Em fevereiro de 1934, tinha já anotado: "Para o espírito da o. [obra] de S. Rafael: não permitir que os rapazes discutam assuntos políticos em nossa casa: fazer-lhes ver que Deus é o mesmo de sempre, que o Seu poder não diminuiu: dizer-lhes que o apostolado que fazemos com eles é de natureza sobrenatural: ter muitas vezes em conta a presença de Deus,

em conversas privadas, em conversas comuns, e sempre: tornar *católicos* os seus corações e inteligências"[6].

As portas da Residência DYA estavam abertas a quem quisesse lá ir, com a única condição de saber respeitar os princípios cristãos que regiam a casa. José Luis Múzquiz recordou que, numa ocasião, levado pela curiosidade, perguntou ao Pe. Josemaria sobre "uma daquelas pessoas com presença no mundo político: penso que era Gil-Robles, por quem eu tinha na altura uma certa simpatia. O Padre respondeu-me imediatamente: 'Olha, aqui nunca te perguntarão nada sobre política. Vêm de todas as tendências: Carlistas, Ação Popular, monárquicos da Renovação Espanhola, etc... e ontem, acrescentou ele, estiveram cá o presidente e o secretário da Associação de Estudantes Nacionalistas Bascos'"[7]. Depois

falou-lhe da formação que se dava em DYA: "Mas poderão fazer-te outras perguntas 'incómodas'- acrescentou, sorrindo- vão perguntar-te se rezas, se aproveitas bem o teu tempo, se os teus pais estão contentes contigo, se estudas, porque estudar é uma obrigação grave para um estudante" [8].

Em DYA não houve reuniões de carácter político nem recrutamentos para associações políticas. Um caso significativo ocorreu em janeiro de 1935, quando o Pe. Josemaria pregou um retiro espiritual a um grupo de amigos de um jovem que conhecia há anos - Adolfo Gómez Ruiz-, e que eram tradicionalistas. O diário da casa regista uma das objeções que o fundador fez antes de se comprometer a pregar o retiro: "O P. (Padre) disse que teria muito gosto em pregá-lo, mas com algumas condições, e uma delas era que eles não viriam como tradicionalistas,

mas como jovens católicos, pois não queria que houvesse ali qualquer matiz político" [9]. Assim, Escrivá dirigiu o retiro para seis jovens, referindo-se aos temas espirituais que habitualmente abordava.

Também em janeiro de 1935, num ambiente tenso, após uma tentativa falhada de golpe de Estado e a subsequente repressão governamental, insistiu, na *Instrução sobre a Obra de S. Rafael*: "Não faleis de política, no sentido comum da palavra, e evitai que, nas nossas casas, se fale de partidos e de facções. Mostrai-lhes que na O. (Obra) cabem todas as opiniões que respeitem os direitos da Santa Igreja [10].

A ausência deliberada de qualquer posicionamento político por parte da direção da Residência DYA contrastava fortemente com a conjuntura social. Dentro de casa, procurava-se que houvesse

serenidade nos comentários e tempo para o estudo. Fora – na rua, nas salas de aula da universidade, nas associações de estudantes – havia uma agitação contínua que chegou ao extremo dos tiroteios, ou seja, aos assassinatos a sangue frio, na rua, entre extremistas de direita e de esquerda. A inscrição com o *Mandatum novum* na sala do piano era uma permanente lembrança de qual deveria ser a sua atitude, especialmente para com aqueles que desprezavam ou até odiavam a fé católica. Em 16 de abril de 1936, Jiménez Vargas comparou o ambiente da Residência com o do exterior: "Entre as greves nas Escolas Especiais* e as notícias dadas por aqueles que estiveram nos tiroteios desta tarde, calculando o número considerável de vítimas, não há ninguém que possa ficar à margem da agitação no ambiente. Contudo, não é possível trabalhar noutro sítio com mais paz que nesta casa"[11].

O facto de não haver discussões políticas na vida estudantil da Residência DYA não significava que não houvesse "tensões que eram reflexo da situação político-social"[12], mas foram resolvidas pelo diretor, Ricardo Fernández Vallespín, ou pelo próprio Josemaria Escrivá. E viveram-se de acordo com as suas circunstâncias, ou seja, as de estudantes que tinham vários interesses ao seu cuidado – o estudo, os amigos, as famílias, etc. –, para além da política. De facto, entre os residentes e amigos da residência DYA, a maioria preferiu dedicar o seu tempo a outras atividades, fossem elas académicas, associativas ou privadas. Por exemplo, Juan Jiménez Vargas, propenso, por natureza, à ação, resolveu dar prioridade ao trabalho na Academia-Residência: "Prefiro ficar aqui, porque me apetece loucamente envolver-me em todas as confusões e tiroteios"[13]. Outro estudante, de 18 anos, Ángel

Galíndez, relativizava os problemas: "A nós, estas coisas afetavam-nos muito, mas não de uma forma vital. A exigência dos estudos preparatórios de admissão e, no meu caso, a resolução dos seis problemas esgotantes, mais o jogo de Espanha contra a Áustria [de 19 de janeiro de 1936], ocupavam o universo das nossas preocupações"[14].

Contudo, uns tantos estiveram envolvidos na política ativa ou deixaram de frequentar a Academia-Residência para dedicarem todas as suas energias ao mundo político. Isto aconteceu em particular com aqueles que tinham opções culturais únicas – os tradicionalistas, por exemplo –, pois tinham dificuldade em compreender a mensagem da Obra. Segundo Jiménez Vargas, "não viam outra solução a não ser a política, e por isso estavam metidos em cheio num ativismo orientado para a solução violenta de tudo"[15]. Foi

este o caso do carlista Vicente Hernando Bocos, que ouviu com prazer as propostas cristãs de Josemaria Escrivá, mas que não aceitou o carácter marcadamente espiritual das suas abordagens: «dissuadia-nos, aos estudantes, de nos polarizarmos em política, pois sentia pena "que jovens tão bons se consagrassem principalmente à política, porque a política os consumia ". Dizia-me, como conselho pessoal, que eu tinha de estudar muito, para chegar a ser alguém, e assim servir melhor, e insistia em que considerasse a parábola dos talentos. Eu respondia-lhe que achava que não tinha enterrado o meu talento. Mas o Pe. Josemaria insistia comigo em que meditasse sobre a parábola" [16]. Apesar dos conselhos, a ideia de ação social de Hernando Bocos era radicalmente diferente da que aquele sacerdote sugeria. «Dizia-nos: "devemos ser firmes e constantes no que sentimos,

mas sem magoar ninguém". E eu respondia: "Não me convence o que me diz, porque o que eu quero é *pancadaria e aguentar-me nas canetas* "»[17].

Em abril de 1936, o fundador pediu-lhes que desenhasssem outro "Mandamento novo", semelhante ao que tinham pendurado na sala do piano. Pensava, provavelmente que esta cópia iria para a nova sede da Residência DYA, que andavam na altura a procurar, em Madrid. Três meses mais tarde, em julho, DYA mudou-se para um edifício na mesma rua, a de Ferraz, desta vez no número 16, para onde levaram a cópia do *Mandatum novum*. Por outro lado, o antigo quadro, que tinha estado em Luchana, 33 e em Ferraz, 50, foi preservado num baú guardado pela família do fundador[18].

O rebentar da Guerra Civil espanhola em julho de 1936 levou a uma forte repressão em Madrid, que ceifou a vida de milhares de católicos, sacerdotes e leigos. O fundador e os membros da Obra tiveram de se esconder, e a sede da Residência DYA ficou abandonada à sua sorte. Durante quatro meses foi sede de um comité anarco-sindicalista, onde se praticaram torturas e condenações à morte.

Em 28 de março de 1939, dia da rendição de Madrid, Josemaria Escrivá regressou à capital espanhola num camião do exército pertencente a uma coluna de abastecimento. Ao passar pela Rua Ferraz, pediu ao motorista que parasse por um momento e confirmou que a casa tinha sido perfurada por várias granadas. No dia seguinte, foi lá com vários rapazes da Obra e recolheram alguns objetos atirados pelo chão.

Dias depois, a 21 de abril, foi novamente à antiga residência, acompanhado pelo seu irmão Santiago, Juan Jiménez Vargas e Miguel Fisac. Não tinham grandes esperanças de encontrar mais coisas, mas de repente "uma surpresa: no chão, coberto pelos escombros, estava o quadro do *Mandatum novum*, bastante bem conservado" [20]. E continua Jiménez Vargas: "provavelmente, como não tinham entendido o texto, não viram nele o significado religioso e deixaram-no no seu lugar, na parede onde estava colocado, como se fosse um quadro inútil, e aí ficou, até que a parede ruiu sob os bombardeamentos"[21].

Escrivá sempre considerou esta descoberta providencial, porque lhe mostrava "onde está o que é permanente, quando tudo se desmorona: no mandamento do Amor"[22]. As palavras de Jesus

Cristo tinham um profundo significado teológico, referindo-se não só a pessoas que pensavam de forma diferente, mas à essência da caridade, ao Espírito Santo, que torna possível a cada filho de Deus doar-se completamente aos outros. Francisco Ponz, que se incorporou no Opus Dei assim que a Guerra Civil acabou, recorda: "Com frequência se referia à fraternidade cristã. Falava-nos com muito amor no *Mandatum novum*, de como queria que ele estivesse presente nos nossos corações, que o vivêssemos com todos e, claro, com os rapazes que acompanhávamos no ambiente dos nossos centros. Considerava também que o facto de terem encontrado este texto do Evangelho entre os escombros de Ferraz - que já tinha mandado escrever em papel que imitavapergaminho, para a Academia DYA – não deixava de ser uma especial providência de Deus"[23].

Algun tempo depois, no ano académico de 1941-1942, ocorreu em Madrid um acontecimento que ficaria gravado para sempre no coração de outro jovem do Opus Dei, Amadeo de Fuenmayor. Certo dia, alguns estudantes começaram a fazer troça - um episódio sem grande importância - de uma pessoa tinha ajudado mal à Missa -, e todos em casa acharam piada àquela brincadeira. Sabendo que o diretor da casa tinha sido o primeiro a rir, nessa tarde, o fundador pregou uma meditação para todos, e referiu-se à caridade fraterna, de acordo com o *Mandatum novum* de Cristo: "Desde o início nos impressionou o tom com que o Padre nos falou. Fazia-o com grande paixão, com uma força extraordinária, querendo gravar as suas palavras nas nossas almas. Comentou-nos mais uma vez o que o Apóstolo S. João gostava de repetir aos primeiros cristãos na sua velhice: *Filioli mei, non diligamus verbo,*

neque lingua, sed opere et veritate. E durante meia hora, explicou de forma singular as exigências da caridade fraterna. Já quase no fim, pediu-nos que, ao longo dos anos, contássemos aos nossos irmãos mais novos que um dia o Padre nos chamou a 'Diego de León' para que, com ele, pedíssemos ao Senhor que sempre na Obra, se vivesse a caridade fraterna com a extraordinária delicadeza com que se tinha vivido desde o princípio. Lembro-me que chorei, ou melhor, que chorámos durante essa meditação"[24].

O Fundador deu indicações para que o *Mandatum novum*, escrito em latim, fosse colocado nas salas de estudo dos centros do Opus Dei onde se realizam atividades da obra de S. Rafael. Hoje em dia, acrescenta-se geralmente uma tradução na língua do país em questão, para que todos os jovens compreendam as palavras

sobre a caridade fraterna,
transmitidas por Jesus Cristo à Sua
Igreja.

* NT: *Escuelas Especiales* era a
designação das Escolas de
Engenharia na Universidade
espanhola da altura.

[1] *Apontamentos íntimos*, n. 815
(23-8-1932).

[2] Recordação de Cipriano
Rodríguez Santa María, Manizales,
agosto de 1975, in AGP, série A.5,
344-1-1. A representação do
"mandamento novo" é tradicional na
Igreja, sob diversas formas. O
Fundador encontrou, em Madrid, o
Crucifixo do Amor Misericordioso
que o escultor Lorenzo Coullaut
Valera completou em junho de 1931,
por indicação da Madre Esperanza,
fundadora da Congregação das

‘Servas do Amor Misericordioso’. Aos pés dessa imagem, representava-se o Evangelho aberto no *Mandatum novum*. Cf. José María Zavala, Madre Esperanza. *Los milagros desconocidos del alma gemela de Padre Pío*, Freshbook, Rivas-Vaciamadrid, 2016.

[3] Juan Ignacio Ruiz Aldaz, "Caridad", in José Luis Illanes (coord.), *Diccionario de san Josemaría Escrivá de Balaguer*, Monte Carmelo - Instituto Histórico San Josemaría Escrivá de Balaguer, Burgos 2013, p. 196.

[4] Os dois textos aparecem registados no ponto 385 de *Caminho*. Cf. Josemaría Escrivá de Balaguer, *Camino* (edição crítico-histórica), Rialp, Madrid 2004, 3ª edição, pp. 555-557. O "Mandatum novum" é também citado nos pontos 454 e 889 de *Forja*.

[5] cf. Apontamentos íntimos, nº 937 (19-2-1933). E pregou esta doutrina ao longo de toda a sua vida.

Copiamos, a título de exemplo, um texto referente ao texto joanino e outro ao texto paulino. O mandamento do amor "obriga-nos a amar todas as almas, a compreender as circunstâncias dos outros, a perdoar, se nos fizerem alguma coisa que precise de perdão. A nossa caridade deve ser tal que cubra todas as deficiências da fraqueza humana, *veritatem facientes in caritate*, tratando com amor quem erra, mas não admitindo compromissos no que é de fé": Josemaría Escrivá de Balaguer, Cartas (edição crítico-histórica), Vol I, Rialp, Madrid 2020, p. 273. "Sinto a necessidade de recordar constantemente estas palavras do Senhor. S. Paulo acrescenta: "Levai as cargas uns dos outros e assim cumprireis plenamente a lei de Cristo". Tempo desperdiçado, talvez com a falsa desculpa de que te sobra

tempo... se há tantos irmãos, amigos teus, sobrecarregados de trabalho! Com amabilidade, com cortesia, com um sorriso nos lábios, ajuda-os de tal forma que quase pareça impossível que eles reparem. E que nem possam mostrar a sua gratidão, porque o discreto requinte da tua caridade fez que ela passasse despercebida": Josemaría Escrivá de Balaguer, *Amigos de Dios* (edição crítico-histórica), Rialp, Madrid 2019, p. 269.

[6] *Apontamentos íntimos*, n. 1160 (16-3-1934).

[7] Memória de José Luis Múzquiz de Miguel, Derio (Vizcaya), 29-8-1975, in AGP, série A.5, 231-1-1. As duas páginas seguintes são reproduzidas, em parte, no nosso livro *DYA. La Academia y Residencia en la historia del Opus Dei (1933-1939)*, Rialp, Madrid 2016, 4ª ed.

[8] Memória de José Luis Múzquiz de Miguel, Derio (Vizcaya), 29-8-1975, in AGP, série A.5, 231-1-1.

[9] *Diário de Ferraz*, 27-I-1935, p. 124, in AGP, série A.2, 7-2-1.

[10] *Instrucción sobre la obra de San Rafael*, 9-I-1935, p. 12, in AGP série A. 3, 89-3-1.

[11] *Diário de Ferraz*, 16-4-1936, pp. 162-163, in AGP, série A.2, 7-2-3.

[12] Memória de Miguel Español (s/d), in AGP, série A.5, 1429-1-27.

[13] *Diário de Ferraz*, 17-4-1936, pp. 164-165, in AGP, série A.5, 1429-1-27.

[14] Memória de Ángel Galíndez (s/d), in AGP, série A.5, 329-1-1.

[15] Memória de Juan Jiménez Vargas, Pamplona, 26-6-1976, in AGP, série A.5, 221-1-2.

[16] Testemunho de Vicente
Hernando Bocos, Palencia, 3-9-1975,
in AGP, série A.5, 219-2-4.

[17] *Ibid.*

[18] cf. *Crónica* 1978, p. 149 (AGP,
Biblioteca, P.01). Este "mandamento
novo" conserva-se na sde da
Residência universitária Montalbán
(Madrid).

[19] cf. *Diario de Madrid*, 28 e
29-3-1939, in AGP, série A.2, 11-1-1.

[20] Memória de Juan Jiménez
Vargas, Pamplona, 26-6-1976, in AGP,
série A.5, 221-1-2. Este "mandamento
novo" conserva-se na Sede da
Comissão do Opus Dei em Itália
(Milão).

[21] *Ibid.*

22] cf. Josemaría Escrivá de Balaguer,
Camino (edição crítico-histórica), o.
c., p. 556, nt. 55.

[23] Memória de Francisco Ponz Piedrafita, Pamplona, 26-9-1975, in AGP, série A.5, 238-3-5. Ponz recordou outras palavras do Fundador, referidas também ao *Mandatum novum*: "O amor às almas - disse ele em certa ocasião- faz-nos amar todos as pessoas, compreender, desculpar, perdoar... Deveis ter um amor que cubra todas as deficiências das misérias humanas".

[24] Memória de Amadeo de Fuenmayor Champín, Pamplona, 4 de setembro de 1975, in AGP, série A. 5, 212-1-6.

José Luis González Gullón